

## **EMPREENDEDORISMO POR NECESSIDADE NO CONTEXTO DA COVID-19: UM ESTUDO NA FEIRA LIVRE DA CIDADE 2000 (FORTALEZA/CE)**

*ENTREPRENEURSHIP BY NECESSITY IN THE CONTEXT OF COVID-19: A STUDY AT THE  
FREE CITY FAIR 2000 (FORTALEZA/CE)*

Davi Roosevelt Marques de FRANCA  
Universidade Federal do Ceará  
srdavifranca@gmail.com

Andriele Pinto de AMORIM  
Universidade Estadual do Ceará  
andriele.pintodemorim7@gmail.com

Aprovado em 12/2023

### **Resumo**

O artigo tem por objetivo o estudo de caso do empreendedorismo por necessidade em tempos de Covid-19 no contexto da Feira Livre da Cidade 2000 localizada em um bairro de Fortaleza/CE. A investigação ocorreu mediante entrevistas semiestruturadas com feirantes e observação participante. Foram encontrados fatores importantes sobre o empreendedorismo por necessidade nas feiras livres, tais como a vulnerabilidade financeira dos feirantes, as péssimas condições de trabalho, com pouco suporte governamental para questões estruturais de organização do espaço, a falta de banheiros e condições inadequadas de higiene. Conclui-se que os principais resultados encontrados concordam com a literatura revisitada, ou seja, as observações acerca da precarização do trabalho informal de muitos empreendedores e o descaso do poder público em questões básicas como a limpeza e higiene dos ambientes das feiras livres. Além disso, pode-se analisar as dificuldades enfrentadas pelos empreendedores em tempos de Covid-19 e as ferramentas para as tomadas de decisões no enfrentamento dos desafios de ser feirante em tempos de pandemia, momento em que a garantia das necessidades básicas é ameaçada pelo principal conflito vivenciado pelos feirantes, o fechamento das feiras como medida de contenção do avanço do vírus; a interrupção temporária do lócus de trabalho requer criatividade e protagonismo para a garantia da sobrevivência, processo analisado a partir da relação entre empreendedorismo por necessidade e o raciocínio effectual.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo por necessidade. Feiras livres. Covid-19

<http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/rea>

## Abstract

*This article aims to study the case of entrepreneurship out of necessity in times of Covid-19 in the context of the Feira Livre da Cidade 2000. The investigation took place through semi-structured interviews with vendors and participant observation. Important factors were found about entrepreneurship by necessity in the open markets, such as financial vulnerability, terrible working conditions, with little government support for structural issues of space, lack of bathrooms and adequate hygiene conditions were noticed. It is concluded that the main results found agree with the revisited literature, that is, the observations about the precariousness of the informal work of many entrepreneurs and the neglect of the public power in basic issues such as cleaning and hygiene of the environments of the free fairs. In addition, it is possible to analyze the difficulties faced by entrepreneurs in times of Covid-19 and the tools for decision-making in facing the challenges of being a marketer in times of a pandemic, when the guarantee of basic needs is threatened by the principal. conflict experienced by fairground vendors, the closing of fairs as a measure to contain the spread of the virus; the temporary interruption of the locus of work requires creativity and protagonist to guarantee survival, a process analyzed from the relationship between entrepreneurship out of necessity and effectual reasoning.*

**Key-words:** *Entrepreneurship by necessity. Public fairs. Covid-19.*

## 1 INTRODUÇÃO

Hospitais lotados e comércio fechado, um elevado número de internações e óbitos diários, *lockdown* e medidas que combatem a circulação de pessoas nas ruas e espaços abertos, justaposto com um possível colapso no sistema de saúde pública e alta no desemprego e inflação. Esse cenário de caos foi vivido no Brasil e em muitas partes do mundo no ano de 2020, na primeira grande onda de infecções da Covid-19 (BRITO *et al.*, 2020; WERNECK; CARVALHO, 2020; OLIVEIRA *et al.*, 2020).

A Covid-19 se espalhou de maneira rápida e letal, batendo recordes de óbitos e internações, tanto no sistema de saúde pública como privado. Havendo poucas informações sobre um método adequado de combate e se verificado uma alta taxa de infecção, umas das primeiras medidas tomadas para combater a proliferação do vírus foi o sistema *lockdown* de fechamento obrigatório do comércio, apenas as atividades consideradas essenciais foram mantidas no formato presencial (LIMA *et al.*, 2020).

Nesse cenário, os supermercados (varejistas e atacados) foram considerados atividades essenciais e puderam manter seu atendimento. No entanto, as feiras livres não foram consideradas como atividades essenciais e foram fechadas, impactando de forma severa na fonte de renda dos empreendedores por necessidade que tem como sua forma de sobrevivência o comércio de rua (COSTA, 2020).

No campo do empreendedorismo, duas vertentes explicam a motivação empreendedora, o empreendedorismo por oportunidade e o empreendedorismo por

necessidade. O empreendedorismo por oportunidade tem por característica a existência de visão futura, segundo a literatura, se enquadram aqui indivíduos que enxergam uma oportunidade de lucrar no mercado, além disso, são pessoas que são capazes de viver por outra fonte de renda, não sendo o empreendimento sua principal ou até mesmo única fonte de renda. O empreendedorismo por necessidade tem por característica a busca por subsistência, os sujeitos enquadrados nesse perfil são indivíduos que por vários fatores tem em seu empreendimento sua principal fonte de renda, um dos principais fatores que levam a esta modalidade de empreendedorismo é o desemprego (LIMA et al., 2020).

O empreendedorismo no Brasil, diferente dos países desenvolvidos, tem como característica a abertura de negócios motivado pela necessidade, em que mais de um terço dos negócios criados são motivados por essa razão (GEM, 2018), desse modo, estudar os empreendedores brasileiros se torna fundamental para melhor compreensão da relação desses sujeitos com a busca pelo sustento e as circunstâncias que os afetam, neste estudo, a Covid-19.

No diz respeito à crise econômica enfrentada em todo o Brasil e no mundo devido à crise sanitária da Covid-19, pesquisas demonstram que houve uma intensificação da precarização do trabalho formal, de forma legal. Além disso, um crescente aumento da taxa de microempreendedores individuais, os chamados MEI, também houve aumento no índice que mede a taxa de desemprego da população e da taxa de pessoas desocupadas e não obstante houve ainda um aumento na inflação dos produtos, em especial da cesta básica aumentou ainda mais a desigualdade social entre ricos e pobres, o que impulsionou o aumento da taxa de empreendedorismo por necessidade durante a pandemia (COSTA, 2020).

As feiras livres, conhecidas como tipos de organizações comerciais tradicionais e formações que remetem ao início da atividade comercial sobrevivem ao longo da história da sociedade, caracterizada em muitos casos pela informalidade e, por ser um ambiente de negócio local, atrai boa parte dos empreendedores por necessidade. Para Silva (2014), empreendedores encontram nesses espaços alternativa para a falta de emprego e renda. Porém, durante a pandemia, o funcionamento das feiras foi limitado às decisões governamentais que buscavam conter o avanço da Covid-19, diferentes de outros espaços comerciais, as feiras não puderam permanecer abertas e, mesmo durante as primeiras etapas de reabertura do comércio, não foram incluídas, comprometendo a renda de inúmeros feirantes que tiveram a subsistência ameaçada. Incluem-se aqui os empreendedores da tradicional Feira Livre da Cidade 2000, localizada em Fortaleza/Ceará.

Tendo em vista a importância das feiras para a economia local, o estabelecimento desses ambientes como espaços de empreendedorismo por necessidade e o contexto de turbulência advindo da Covid-19 para estes negócios e, sobretudo, para as vivências dos feirantes-empreendedores da Feira da Cidade 2000, esta pesquisa visa responder: Quais as dificuldades enfrentadas e as soluções empregadas pelos empreendedores por necessidade da Feira Livre da Cidade 2000 no contexto da Covid-19?

O objetivo geral consiste em compreender as dificuldades enfrentadas pelos empreendedores por necessidade da Feira Livre da Cidade 2000 no contexto da Covid-19 e mapear as soluções aplicadas no processo decisório por esses sujeitos. Os objetivos específicos são: 1. Identificar as principais dificuldades enfrentadas pelos empreendedores por necessidade da Feira Livre da Cidade 2000 no contexto da Covid-19. 2. Descrever o perfil dos empreendedores por necessidade da feira. 3. Elencar as principais soluções aplicadas pelos empreendedores por necessidade frente o contexto da Covid-19. 4. Investigar os métodos de tomada de decisão no comportamento do empreendedor por necessidade frente o contexto da Covid-19.

## **2. EMPREENDEDORISMO: CONCEITO, REALIDADE BRASILEIRA E AS FEIRAS LIVRES**

O empreendedorismo é considerado um processo fundamental para o desenvolvimento econômico e social (DORNELAS, 2008; MARTES, 2010). Mais que um intermediário ou uma ponte comercial, o empreendedor é aquele que vislumbra uma oportunidade, dantes não avistada, sobrepuja as dificuldades e se torna um elo de ligação e de oportunidade (HISRIC; PETERS; SHEPHERD, 2009).

Para Dornelas (2008), o empreendedor é caracterizado principalmente pela predisposição a assumir riscos, o que o diferencia do simplesmente capitalista, aquele que fornece o capital, compreensão advinda ainda no século XVII por meio do economista Richard Cantillon, a quem se atribui a criação do termo empreendedorismo. Nota-se, assim, a introdução de um dos temas centrais sobre o perfil dos empreendedores: aqueles que correm riscos. Independentemente da motivação empreendedora, empreendedores por oportunidade e por necessidade estão inseridos num ambiente incerto e sujeitos às variáveis econômicas, sociais, tecnológicas, culturais, políticas, ecológicas, dentre outras, que podem limitar suas atividades. O contexto social-econômico na qual estão inseridos afetam a ação empreendedora. O contexto de países como o Brasil, por exemplo, que apesar de apresentar taxas relevantes de atividade empreendedora carrega como retrato a existência de uma boa parcela de seus empreendedores motivados pela necessidade, decorrente de falta de oportunidades e desemprego (GEM, 2021).

O empreendedorismo no Brasil é resultado de uma série de movimentos iniciados na década de 1990, dentre esses, a criação do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e Softex (Sociedade Brasileira para Exportação de Software) somados à inclusão do tema em cursos de graduação e pós-graduação, surgimentos de incubadoras, dentre outros (DORNELAS, 2008). O empreendedorismo no Brasil, conforme o relatório de GEM (2021), o país apresentou um aumento na taxa de empreendedores estabelecidos, aqueles com mais de 3,5 anos, apesar da pandemia. Houve um incremento de 1,2 por cento, o que envolve mais de 8,7% da população adulta, em 2020, passando a 9,9%.

Um dos aspectos que explicam o panorama do empreendedorismo é a motivação por trás da ação empreendedora. Empreendedores possuem uma fonte motivadora, um motivo pelo qual se tornaram empreendedores, ou seja, desejaram assumir riscos com a possibilidade de sucesso ou fracasso. Tendo em vistas as características da atividade

empreendedora do Brasil, em que mais de um terço dos negócios criados são motivados pela necessidade (GEM, 2018), cenário diferente em países desenvolvidos, estudar esses empreendedores se torna fundamental para melhor compreensão da relação desses sujeitos com sua atividade. Segundo o relatório do GEM (2019) o principal motivo para uma pessoa se tornar um empreendedor no Brasil naquele ano era a escassez de emprego e trabalho, na qual “88,4% dos empreendedores iniciais afirmaram que a escassez de emprego constituiu uma das razões para desenvolver a iniciativa empreendedora com a qual estavam envolvidos”. (GEM, 2019, p. 64).

Um ponto importante de destaque da pesquisa do GEM sobre a escassez de emprego e renda é que tal fator não é limitado a uma única região do mundo, ou seja, apenas a países pobres, mas sim um sinal presente em todas as partes do mundo incluindo os países mais ricos, conhecidos por possuírem mais oportunidades. O empreendedorismo tem, assim, importante papel na construção de um desenvolvimento sustentável (GEM, 2019). No ano de 2020, devido ao aumento do número de desempregados, reflexo da pandemia, 50,4% dos negócios abertos foram motivados pela necessidade. Essa taxa é composta por aqueles que pensam em abrir um negócio ou já o fizeram em até três meses, os empreendedores nascentes e, e pelos novos, aqueles que possuem um negócio de três a 3,5 anos (SEBRAE, 2022). Apesar do empreendedorismo por oportunidade ter voltado a crescer entre mais da metade dos empreendedores iniciais (nascentes e os novos) e uma queda na taxa de empreendedorismo por necessidade ter ocorrido, o Brasil atingiu o terceiro patamar da série histórica de empreendedores por necessidade em 2021 (GEM, 2021).

Como visto, a atividade empreendedora apresenta potencial no desenvolvimento econômico dos países. No entanto, os desafios advindos do contexto ambiental podem limitar os resultados dos sujeitos empreendedores o que contribui para a alta taxa de mortalidade de empresas no Brasil. Conforme o GEM (2021), nem sempre o esforço é percebido em retorno financeiro, 57% ganham até três salários-mínimos. Ou seja, apesar do aumento da escolaridade do empreendedor inicial e o aumento da taxa de abertura de negócios por oportunidade em 2021, não houve acréscimo na renda desses empreendedores. Torna-se necessário, portanto, uma maior compreensão do contexto e desafios dos sujeitos que empreendem por necessidade.

O empreendedorismo por necessidade possui características que lhe diferenciam das outras facetas do empreendedorismo, como o empreendedorismo por oportunidade marcado pela existência de renda e na qual a busca por subsistência não é o principal fator de escolha para iniciar na atividade empreendedora. Os principais pontos abordados pela literatura para explicar o empreendedorismo por necessidade são os fatores econômicos-sociais, “[...] empreendedores por necessidade consistem naqueles que iniciam negócios motivados pela falta de alternativa satisfatória de ocupação e renda” (SANTOS et al, 2007, p. 4). A dificuldade de conseguir emprego formal num mercado de trabalho marcado pela elevada taxa de desemprego corroboram para o aumento da taxa de empreendedores movidos pela necessidade. Empreendedores por necessidade encontram em diversos tipos de negócios opção para combater o desemprego somado à existência de criatividade e persistência para driblar as dificuldades (VALE; CORRÊA; REIS, 2014).

Se o empreendedor é um indivíduo definido por sua ação em gerar mudanças na economia existente seja pela criação de novos produtos ou serviços (SCHUMPETER, 1985), ou melhoramento desses, tal atividade tem como marca a imprevisibilidade, a presença dos efeitos das variabilidades ambientais, logo, a possibilidade de fracasso, a intensificação e, em certos casos, a precarização (DORNELAS, 2008; OLIVEIRA; MOITA; AQUINO, 2016). Consoante ao empreendedor por necessidade à possibilidade de precarização laboral é caracterizada em muitos casos pela informalidade, tal situação externa liza-se pela “[...] perda progressiva dos direitos e garantias adquiridos dentro do modelo de sociedade salarial, esse processo de levar a pensar-se como empreendedor oculta o sentido precarização da atividade” (OLIVEIRA; MOITA; AQUINO, 2016, p. 16).

Dadas às características do empreendedorismo por necessidade, em que o sujeito desprovido de oportunidades usa o que é, o que tem e suas relações na construção de objetivos, Rosa, Vasconcellos e Falaster (2020) fazem relação desse com o processo effectuation em que as possibilidades de empreender são sustentadas pelas características dos sujeitos, seus conhecimentos, as redes sociais das quais fazem parte (SARASVATH, 2001).

Espaços como as feiras livres se apresentam como canais de comercialização capazes de contribuir para minimizar os problemas do desemprego pelo potencial de geração de emprego e solução para os que buscam na atividade empreendedora meio de sobrevivência (DIAS; LEVINO, 2020), na qual indivíduos conseguem combinar suas aptidões, suas relações e seu conhecimento e explorar a atividade empreendedora mesmo desprovido de recursos e planejamento formal. No entanto, como identificou Menezes (2005, p. 8), são espaços marcados pela informalidade por ser “[...] uma das formas de comercializações urbanas que absorvem um grande contingente de desempregados oriundos de emprego formal.”

A origem das feiras se remete à gênese do comércio, o que significa que esses espaços fazem parte da própria estruturação das cidades. Sendo uma das formas comerciais mais antigas, as feiras se sustentam mesmo em frente à modernização da sociedade, o que confirma a dinâmica estabelecida entre sujeitos e o espaço, as feiras “[...] confirmam suas territorialidades nos espaços urbanos das cidades [...]” como Fortaleza/CE (COSTA, 2019, p. 4).

As feiras livres são espaços de livre comércio e movimentação de bens, produtos de consumo e serviços. Além de ser uma modalidade de comércio varejista as feiras são ambientes culturais, presente na cultura brasileira. Segundo (PEREIRA, 2015, p. 16 apud MASCARENHAS; DOLZANI, 2008), “A feira livre no Brasil caracteriza-se como modalidade de mercado varejista, organizada como serviço de utilidade pública e voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos em geral.”

Para além da dimensão cultural, as feiras livres são espaços sociais e abrigam em boa parte indivíduos que encontraram no empreendedorismo o meio de sobrevivência. Apesar disso, um aspecto importante a respeito das feiras diz respeito a ambientes que ficaram parados no tempo, mesmo com todo avanço tecnológico e evolução da informação, muitas feiras ainda são vistas como ambientes insalubres.

Os feirantes são trabalhadores, em sua maioria, informal, mas mesmo assim são tão dignos quanto qualquer forma de trabalho formal, não estão em desigualdade perante a formalidade e devem ser tratados como tal. O estudo constata a importância de manter um ambiente digno e saudável para evitar o adoecimento laboral. Percebe-se que as feiras muitas vezes são organizadas de forma orgânica, havendo regras e leis municipais que estabelecem os padrões e regulamentos. No entanto, reflete-se se a estrutura ofertada pelas prefeituras, os espaços públicos e saneamento básico correspondem ao fluxo de pessoas, comerciantes e clientes que fazem parte de toda essa dinâmica cultural e mercadológica que a feira movimenta (PEREIRA, 2015).

Silva (2014) ao estudar o empreendedorismo numa feira livre identificou que a necessidade de emprego e renda era um dos principais motivadores para escolha dos sujeitos, a necessidade é apontada sob diversos aspectos, o que explica melhor o fenômeno do empreendedorismo por necessidade no contexto das feiras, ou seja, incluem e especificam os indivíduos que se enquadram neste contexto, acrescentando àqueles que empreendem ali pela falta de oportunidades os que assim também o fazem por conta de outras situações que acentuam a dificuldade de se empregar como a deficiência e a idade avançada.

### **3 METODOLOGIA**

Este estudo segue uma abordagem qualitativa, pautando-se na construção de uma análise descritiva da relação empreendedores por necessidade e feiras livres. Elege-se como ambiente investigativo a Feira da Cidade 2000, que carrega o nome do bairro na qual está situada. Assim como outras feiras de Fortaleza/CE, o contato com os feirantes foi marcado por uma pluralidade de atividades comerciais desenvolvidas por empreendedores não apenas residentes do bairro Cidade 2000, mas de outros que trabalham de modo itinerante. Aprende-se, como pesquisador iniciante, que a abertura para falas, mediante entrevistas, requer um trabalho delicado de conquista da confiança dos empreendedores, pessoas simples, com baixa escolaridade e origem humilde, como foi possível identificar. A disposição do entrevistado para falar, sem receios, é necessária para a garantia de relatos reais, amedrontados inicialmente (a negação da gravação, a não disponibilidade em fornecer informações básicas), revelam-se amigáveis a medida que a presença do entrevistador se torna natural, estimulam os colegas feirantes a participarem.

Além das entrevistas realizadas, atentou-se para a construção de análises da percepção do ambiente, do perfil dos empreendedores e das condições de trabalho mediante observação participante. As queixas sobre a precariedade e insalubridade do ambiente de trabalho foram constatadas pelo pesquisador, pelo olhar, pelo aroma, as vezes não agradável.

A realização da pesquisa justificativa pela importância do empreendedorismo para o acesso a renda por trabalhadores de camadas mais vulneráveis da sociedade que por vezes tem baixo nível de escolaridade e dificuldade de imersão no mercado de trabalho.

As evidências iniciadas acima sobre o processo de coleta de dados por meio de entrevistas contemplam o que o pesquisador identificou como uma resistência, infere-se que tal comportamento origina-se do medo de possíveis represálias ou retaliações, alguns feirantes por não confiarem no trabalho do pesquisador decidiram por não participarem do processo de entrevistas, os entrevistados participantes solicitaram a confirmação do anonimato, preocupava-se com a possibilidade de serem identificados, preservar o nome era uma precaução quanto a qualquer espécie de desconforto devido a externalização de opiniões, reclamações e reivindicações por melhores condições de trabalho. A busca por evidências das condições da feira, por meio de fotografias dos espaços e seus pontos de vulnerabilidade, foi realizada com cautela, o pesquisador tentou agir de forma sutil, sem chamar atenção, apenas aportando o diário de campo e um aparelho celular.

A utilização da entrevista semiestruturada, na qual o entrevistado seguiu um roteiro de perguntas prontas sobre as temáticas principais que pudessem explicar o empreendedorismo por necessidade na feira permitiu a abertura para que os entrevistados incluíssem outras informações, indo além do delimitado inicialmente na estruturação do instrumento. Com o diário de campo do pesquisador realizou-se análises sobre as condições de trabalho, comparando os pontos de fragilidades percebidos nas diversas fotografias.

A seleção dos sujeitos da pesquisa ocorreu mediante um trabalho de convencimento sobre o anonimato (explicitado nos Termos de Consentimento e Confidencialidade) e explicação da importância do relato dos feirantes para a pesquisa. Utilizou-se a estratégia bola de neve para continuidade das entrevistas, quando o feirante confiava no trabalho do pesquisador já indicava outra pessoa para continuar a pesquisa, as indicações dos próprios entrevistados facilitaram a acessibilidade e disponibilidade em virtude do próprio empreendedor já explicar ao seu companheiro de trabalho a importância da pesquisa e a preservação de sua identidade.

Após o levantamento de dados, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo para compreensão desses. Conforme recomenda Bardin (2011), inicialmente realizou-se uma leitura flutuante dos materiais, em seguida, os documentos coletados para a análise foram selecionados. As entrevistas e registros do pesquisador foram então categorizados atentando-se para o conteúdo semântico das falas e observações. Por fim, os materiais tratados puderam ser confrontados à luz da teoria revisitada e inferências do pesquisador.

#### **4. EMPREENDEDORISMO NA FEIRA DA CIDADE 2000: O PERFIL DOS FEIRANTES POR NECESSIDADE**

A Feira da Cidade 2000 que carrega o nome do bairro fundado na década de 1970 como conjunto habitacional formado às margens do Rio Cocó, para funcionar como uma espécie de cidade dormitório para os trabalhadores do entorno, acontece todas as sextas-feiras, sendo incluído na rota dos feirantes que buscam esses espaços para comercializar seus produtos e serviços na cidade de Fortaleza/CE.



“Feirinha da Cidade 2000, tradicional às sextas-feiras, não funciona com o lockdown em Fortaleza” (OPOVO, 2021). A manchete do jornal O Povo (2021) explicava que devido o novo decreto de isolamento social rígido, medidas que tinham como intuito diminuir aglomerações para contenção dos altos índices de contaminação com a Covid-19, a feira não estava funcionando naquela manhã sendo justificado pela não contemplação do espaço como serviço essencial, razão que levou os feirantes a se queixarem da situação. Devido às reflexões sobre as circunstâncias vividas pelos empreendedores da Feira da Cidade 2000 pelo autor deste trabalho, sobretudo uma cena que chamou sua atenção durante a pandemia, na qual identificou alguns feirantes no sinal tentando vender seus produtos, a relação entre a ação empreendedora e necessidade, sobretudo necessidade financeira, o empreender para sobreviver, aguçou o interesse pela investigação sobre as dificuldades enfrentadas por esses sujeitos, como:

**Quadro 1 – Perfil dos sujeitos da pesquisa**

Sujeitos	Breve descrição
Rosa	Mulher, casada, vendedora de roupas e acessórios para cabelo, ex empregada doméstica, desempregada durante a pandemia, há 2 anos na feira.
Jorge	Homem, casado, vendedor de brinquedos infanto-juvenil, ex celetista, filho de feirante, há 7 anos na feira.
Edilene	Mulher, casada, frequentadora das feiras desde pequena pois a mãe era feirante, há 20 anos na feira.
Marlene	Mulher, casada, vendedora de roupas, antes possuía um brechó na garagem de casa, há mais de 20 anos na feira.
Edvania	Mulher, mãe solteira, vendedora de bijuteria, buscou a inovação nas vendas por meio de aplicativos, há mais de 10 anos na feira.
Antônio	Homem, divorciado, trabalha há mais de 20 anos com feiras em diversos locais de Fortaleza, vendedor de roupas. Possui outras fontes de renda como motorista de aplicativo.
Lúcia	Mulher, casada, vendedora de roupas, ex babá, 4 anos na feira.

Fonte: Elaborado pelo autor

A fim de garantir a confidencialidade da pesquisa, os sujeitos são identificados a partir de nomes fictícios. Embora houvesse a pretensão de traçar um perfil mais completo dos feirantes, a coleta dessas informações fora limitada pelos desafios da pesquisa num espaço movimentado sendo o primeiro contato com os feirantes desafiador, o estranhamento, a não permissão para gravação inicialmente, o receio dos feirantes quanto à identificação dificultou a obtenção de dados pessoais. Apesar disso, os feirantes pareceram amigáveis quando solicitou-se a indicação de colegas que poderiam ser entrevistados, nesse momento, a preocupação com a identificação na pesquisa pareceu não ser mais um problema haja vista que os mesmos falavam: “Não se preocupa fulano, é anônimo...” Tal fato mostrou que o pesquisador foi ganhando confiança ao longo das entrevistas, recebendo cooperação dos próprios feirantes antes receosos. Na sétima entrevista percebeu-se que as falas não apresentavam informações novas, sendo muitas vezes o discurso semelhante aos já realizados pelos feirantes, o que levou a necessidade de encerrar as entrevistas neste momento.

O processo de categorização dos dados permitiu a análise da relação entre empreendedorismo por necessidade e empreendedorismo nas feiras livres no contexto da Covid-19 a partir dos seguintes temas: 1) O motivo: o sustento; 2) A feira: a rotina; 3) A pandemia: dificuldades e soluções.

O tema 1 explica a relação empreendedorismo-necessidade para os feirantes. As falas exprimem a busca por independência como fato desencadeador da entrada na atividade empreendedora, pode-se perceber que a palavra “trabalhar por conta própria” é comum nos discursos, ou é parafraseada. Pode-se destacar com isso que os feirantes são pessoas que buscam, além dos valores monetários para satisfazer suas necessidades, a realização profissional como empreendedores, por mais que não possuam conhecimento técnico e teórico, são empreendedores na prática, aprendem pela experiência, fazendo, na qual a propensão à assumir riscos, característica apresentada aos empreendedores na literatura (DORNELAS, 2008) se apresenta de forma verdadeira, permeada pelas circunstâncias da atividade, pelos desafios pessoais, pelas decisões quanto às contingências da vida, como o desemprego, como é o caso da feirante Rosa: “Foi no início da pandemia...E eu perdi o trabalho e no momento mesmo de crise mesmo me veio a ideia de começar a fazer trabalho com cabelo e gigolete e em seguida entrou a roupa [...]”

Assim como Rosa, a feirante Lúcia antes de se tornar empreendedora trabalhara como babá. Há 4 anos na feira, driblar o desemprego, conseguir pagar as contas e vencer no tempo de pandemia é o motivo dela continuar lá, explica: “Mas a gente ficou parado em 2020, aí eu atrasei as coisas, aluguel, tive que pedir emprestado pra poder pagar os atrasados, mas difícil mesmo foi ficar em casa sem fazer nada. Antes eu trabalhava em casa de família, com criança. Aí depois comecei a trabalhar para mim” (Lúcia).

É possível notar, a partir dos feirantes mais antigos, que embora a relação com a feira tenha iniciado a partir de circunstâncias adversas, parece que o encontro do problema com a solução permitiu a formação de um novo modo de vida, estabelecido pela dinâmica entre o lugar, a história, a construção da identidade como feirante. Para alguns desses, essa relação se mostra duradoura atravessando gerações, empreende-se por necessidade, mas também como herança familiar. Destaca-se a cerca de como os feirantes se tornaram empreendedores, ou seja, como iniciaram o seu próprio negócio. Existe aqueles que estão há mais de duas décadas de trabalho ao lado de feirantes que iniciaram nas feiras quando perderam os empregos e enfrentaram dificuldades na pandemia, criados mediante o sustento da feira, agora, encontram na feira oportunidade de obtenção de renda, os elos familiares são fatores decisivos como pode-se notar no Quadro 2.

É possível notar que devido ao longo tempo de atividade dos feirantes, o trabalho nas feiras possibilita o sustento das famílias, no entanto, como aponta o GEM (2021), em geral, a renda do empreendedor inicial é baixa, os que recebem acima de seis salários-mínimos são apenas 13,6%. A baixa renda pode ser explicada pelo formato jurídico MEI, sendo a maioria desses, o que limita o faturamento. Uma segunda causa é o pouco tempo de formalização. Se enquadra aqui Rosa, com apenas 2 anos como feirante a ex doméstica: “[...] a minha renda não é o suficiente para a gente se manter mas dá pelo menos para quebrar um galho”. Trabalhos alternativos são necessários em alguns casos para completar a renda, como é o caso de Antônio: “[...] a minha sorte foi que eu tenho

outra ocupação por fora, eu sou “Uber” e a Uber não parou, mas teve muita gente passando necessidade. Eu ainda consegui segurar um pouco”.

### Quadro 2 – Trabalho na Feira: herança familiar

*“Comecei a trabalhar com a minha mãe, ela era feirante, aí eu vinha trabalhar com ela, aí ela parou de trabalhar por causa da idade, aí eu comecei a trabalhar sozinho, isso já faz 7 anos que eu dei continuidade ao trabalho dela. Eu vi uma fonte de renda e comecei a construir família e se formou a fonte de renda para mim, eu parei de trabalhar de carteira assinada e comecei a investir na feira” (***Jorge***)*

*“[...] 20 anos na feira...Eu trabalhava em casa de família e não tava gostando, então resolvi trabalhar por conta própria. Montaram uma feira e eu coloquei meu nome e vim trabalhar. (***Edilene***)*

*“Eu estava passando com o meu marido em frente a uma feira na igreja de Nossa Senhora da Saúde há 20 anos atrás quando vi e decidir trabalhar como feirante também, e de lá pra cá foi a única coisa que fiz e sei fazer. Já vendemos em outras feiras e na garagem de casa. Toda semana compramos e mantendo um estoque, um padrão”. (***Marlene***)*

*“Nessa da Cidade 2000 estou há 10 anos. Na realidade eu venho desde criança. Eu ia pra escola à tarde e vinha de manhã pra feira porque minha mãe era feirante. Aí eu acabei seguindo o mesmo ramo.”(***Edvânia***)*

*“Nessa feira da Cidade 2000 está com mais de 20 anos que eu trabalho nela, fiz meu cadastramento no centro, na época o fiscal aqui era o Senhor Vidal, que hoje já é falecido, começamos na praça principal da cidade 2000 depois fomos transferidos para cá. (***Antônio***)*

Fonte: Elaborado pelo autor

O segundo tema “A feira: a rotina” revela a relação dos empreendedores com a feira. Inicialmente, foi possível notar como é possível verificar na fotografia abaixo, a sujeira e a desorganização como características de alguns pontos do ambiente. Essa situação é fruto tanto do descaso das autoridades por não planejar as feiras de bairros como também a falta de cuidado da própria população, incluindo moradores do bairro como os feirantes.

A feira ocorre apenas uma única vez por semana, algo que pode ser positivo pois induz o consumidor a fazer uma compra que dure a semana inteira, no entanto, pode ser prejudicial, uma vez que o cliente pode buscar formas alternativas para compras dos bens de consumo disponíveis na feira, mesmo que pague mais caro, dependendo da situação, não é possível aguardar até a próxima feira. A feira é montada um dia antes, na quinta no horário da noite um caminhão carregado de barracas de madeira já prontifica a entrega e a armação dos quiosques. A feira começa a funcionar às 5:30 da manhã, quando o sol já tem raiado e os primeiros consumidores já chegam em busca de legumes e frutas mais novos e de melhor qualidade.

No decorrer do dia, percebeu-se que o lixo vai se acumulando e sem a mínima estrutura para acomodar a quantidade de consumidores e vendedores na feira, a sujeira começa a se amontoar. Apesar da falta de uma estrutura mais adequada para os empreendedores não se limitar ao contexto da Feira da Cidade 2000, os feirantes não possuem nem se quer um banheiro para atender as necessidades fisiológicas. Ou seja, passam várias horas trabalhando e precisam se ausentar de seus pontos comerciais para ir em restaurantes ou algum supermercado próximo, caso precisem usar um banheiro.

**Figura 1 – Ambiente da feira da Cidade 2000**



Fonte: Imagens do autor (2022)

Lixo e resto de comida, entre frutas podres e legumes estragados largados ao chão, essa é a cena vivenciada pelo pesquisador e pelos feirantes semanalmente. A cena descrita pode ser encontrada facilmente em feiras livres, a falta de higiene impera em partes da Feira Livre da Cidade 2000. Em entrevista os próprios feirantes relatam que ao chegarem em seu local de trabalho já encontram o espaço sujo, possivelmente pela população, como pode ser confirmado pelo relato de Edvania: “Tem que melhorar, não sei se é os moradores, mas às vezes a gente chega aqui e está cheio de lixo, e a gente tem que limpar primeiro para armar a banca”. Outro entrevistado, o senhor Antônio relata que a falta de estrutura e saneamento básico na feira torna o ambiente propício a proliferação de doenças, segundo ele o ambiente da feira é “Insalubre, não tem banheiro e a questão de quando é no inverno é lama misturada com doenças e no verão é se torna um verdadeiro pó de pedra.”

A questão do banheiro foi algo que se mostrou decorrente e como foi observado de fato não existem banheiros químicos para serem utilizados por clientes e trabalhadores, se o feirante necessita realizar suas necessidades físicas deve pedir ajuda algum “vizinho” para poder se ausentar e ir no supermercado ou restaurante realizar suas necessidades fisiológicas como confirma o relato de Lúcia: “Tem um pouco a melhorar, tá sujo, tem lixo espalhado. Também não tem banheiro, a gente faz (as necessidades fisiológicas) nos restaurantes.”. Unindo-se com o relato de Antônio que complementa: “Aqui não tem banheiro, já prometeram banheiro, toda época de política vão prometer banheiro mas nunca vem banheiro, pode procurar aqui na feira toda não tem banheiro químico [...]”

Continuando a análise, o tema “A pandemia: dificuldades e soluções.” expressa o contexto vivenciado pelos empreendedores por necessidade na Feira da Cidade 2000 durante à Covid-19. Pode-se vislumbrar diversas dificuldades enfrentadas pelos empreendedores por necessidades no período de fechamento obrigatório das feiras, o momento mais intenso da crise sanitária da Covid-19. Relatos como da entrevistada Lúcia confirmam a precariedade do trabalho e as dificuldades enfrentadas pelos feirantes que se sentiram muitas vezes abandonados pelas políticas públicas do Estado.

Lúcia relata sobre os benefícios emergenciais recebidos: “Não, ajudou, mas só suprir as nossas necessidades. Aqui (feira) a gente sabe o que pode e o que não pode e o do governo (auxílio) não dava. Dava pra dar um empurrão, mas pra gente sobreviver com R\$ 600,00 não dava porque as nossas despesas vão além disso aí”.

Esse pensamento é confirmado também por outro entrevistado, Jorge, que afirma que o auxílio era tão diminuto que se sentia até humilhado ao receber pois pouco conseguia pagar suas contas e manter suas necessidades básicas e de sua família, como comprova seu relato:

Esse auxílio do governo, veio no final, como se fosse uma coisa que não estava a nosso dispor, algo que a gente tinha que ir atrás e não uma coisa que esteja disponível. Ainda teve vários empecilhos para receber. “Vai sair tal dia” e não saia. E a gente passando dificuldade mesmo, não foi suficiente nenhum momento [...] Um valor ali que dê para comprar pelo menos a alimentação, mas R\$ 100,00 foi uma esmola, eu me senti humilhado.

Comprova-se através dos relatos dos entrevistados que houveram muitas dificuldades e os investimentos em estoque e mercadoria tiveram que ser reduzidos até mesmo porque manter um estoque alto era um risco que se corria devido a possibilidade de não vender, a decisão mais apropriada seria reduzir pra no futuro, quando as feiras retomassem, adquirir novamente. Essa decisão foi permeada também de outras dificuldades, a falta dos suprimentos básicos, outros informaram que venderam tudo para pagar as contas e comprar mantimentos, quando as atividades das feiras voltaram foi necessário fazer empréstimos pra continuar: Segundo a entrevistada Marlene “Vendi e não comprei mais e até hoje eu tô tentando recuperar, porque se você não for mantendo toda semana aquele padrão, e se deixar cair você não consegue recuperar. Empréstimo que eles falam que dão empréstimo é tudo mentira (...). Aí eles levam a maior parte e você fica com aquele investimento, os juros um absurdo”. (Marlene)

Logo, pode-se entender que as decisões dos feirantes quanto ao ambiente e clima não propícios vale-se de uma mentalidade racional, assumir riscos altos como investimentos e enfrentar os prejuízos se torna cada vez mais difícil no momento de retorno das feiras, porém, agora, a garantia do sustento estava, de certo modo, mais certa. Indo além, os entrevistados mostraram insatisfação com a falta de assistência e políticas públicas do governo para que pudessem tomar dinheiro emprestados com baixos juros, foi informado que inclusive foi ofertado empréstimos de baixo valores (Próximo a R\$ 3.000,00) pela Caixa mas que eram contratos com cláusulas leoninas, com taxa de manutenção de conta tão altas que em um pouco mais de 2 anos pagar para manter a conta ativa já ultrapassaria o valor do empréstimo solicitado, sem constar os juros e o próprio valor dos empréstimos pagos.

A pandemia trouxe uma ruptura na rotina dos feirantes, uma vez que as pessoas trabalhavam no comércio de rua tiveram que ficar, por força de lei, em casa. Nesse momento algumas pessoas procurar outra fonte de renda, trabalhos formais, enquanto houveram entrevistados que tomaram a decisão de vender seus produtos por meios digitais, as vendas online: “Porque eu só trabalhava na feira, nada de vendas online. Aí depois veio a pandemia, não pude vir pra feira porque a feira fechou, aí comecei a vender só online” (Edvania).

Houve relatos de feirantes que não se conformando com a ociosidade e por necessidade ainda insistiram em frequentar os espaços das feiras livres. A insistência em frequentar a feira apesar da proibição foi impulsionado pelo desejo de conseguir garantir a sobrevivência, sua, da família, plano frustrado pela polícia, segundo a narrativa de Jorge: “Tentei ainda vim para feira mas os policiais colocava pra fora, ai eu me senti mais uma vez humilhado, e eu tentava colocar em algum lugar que não fosse a feira mas aí vinha os policiais e me mandava ir embora, muitas vezes era só tempo de armar minhas coisas, arrumar, ai a polícia chegava e eu tinha que ir pra casa” (Jorge).

Tomando como base o que apontam Rosa, Vasconcellos e Falaster (2020) sobre o empreendedorismo por necessidade e as relações desse com o processo effectuation, na qual Sarasvath (2001) explica que a ação empreendedora é sustentada pelas características dos sujeitos, seus conhecimentos, as redes sociais das quais fazem parte, as tomadas de decisões dos feirantes diante da Covid-19 podem ser explicadas a partir de uma mentalidade não tradicional de racionalidade empreendedora. O processo effectuation é uma mentalidade de negócio baseada na ideia do uso do que se tem para fazer algo, portanto, fala da utilização dos recursos de maneira criativa a fim de lidar com as surpresas e dificuldades da ação empreendedora a partir do uso de três recursos efetuais: a identidade, o conhecimento, a rede de contatos. Os empreendedores atuam a partir do que podem fazer, o que não se consegue fazer não requer preocupação, pois não se consegue controlar. Não há preocupação em prever o futuro, mas atuar no que o presente os apresenta (SARASVATH, 2001).

A identidade dos feirantes, seus conhecimentos e redes sociais permitiram os ajustamentos necessários para o enfrentamento das dificuldades advindas da Covid-19, contribuíram para que eles não parassem, mesmo que tivessem que abrir mão de algo. Inicia-se com perguntas voltadas ao entendimento sobre quem é o agente empreendedor, (“quem sou”) e como a sua identidade afeta suas ações. Os empreendedores feirantes são sujeitos simples, com pouca escolaridade, resilientes, determinados e com habilidades de vendas e negociação junto a clientes e fornecedores. Esses sujeitos encontraram na feira um ofício, seja como herança familiar e/ou resultado de iniciativas próprias na busca por independência, principalmente, pela necessidade de obter sustento, mesmo que nem sempre seja suficiente.

A segunda etapa envolve perguntas que estão ligadas às possíveis ações que podem ser empregadas pelo empreendedor: “O que posso fazer”? O que se pode fazer quando sua fonte de subsistência, para muitos, a única, o trabalho na feira livre, fica impossibilitado pelo lockdown? Os locais das feiras estão esvaziados, não há pessoas, os comerciantes e clientes estão em casa, com os braços cruzados, força de lei. Para os feirantes, uma das alternativas viáveis foi o uso da criatividade para vender as mercadorias nos canais digitais. Uma segunda, para alguns, trabalhar temporariamente para outras pessoas ou obter renda como motorista de aplicativo. Em seguida, analisa-se as ligações diretas com o público interessado, pessoas que são afetadas diretamente pelo empreendimento, os clientes, fornecedores, sociedade civil de modo geral, os stakeholders.

A interação com as partes interessadas responde às possibilidades oferecidas pelo meio, não os objetivos traçados. Para continuar empreendendo, não se conta com as condições necessárias, mas as possíveis. Para os feirantes, embora alguns tenham relutado em tentar vender no espaço da feira, apesar da proibição e assumindo os riscos de sanções públicas e outros tiveram que se desfazer das mercadorias, o que para a autora significa a aceitação de perdas possíveis, a decisão sobre o que fazer passa pela aderência dos clientes às vendas on-line, um alívio temporário, e os benefícios concedidos pelo governo, que não supre, mas ameniza.

Através dessa teoria pode-se analisar os feirantes sabendo quem são, quais são suas necessidades e tendo a feira como campo prático e suas mercadorias como ferramentas para sua sobrevivência, os clientes como agentes envolvidos na garantia de valores financeiros que iram garantir sua sobrevivência, acabam por exemplificar o processo effectuation. Aprende-se a empreender na prática, a partir das oscilações do ambiente, se reinventam, encontram resiliência e seguem mesmo sem possuírem conhecimento teórico sobre planejamento de negócios.

Em suma, o empreendedorismo por necessidade dos feirantes é explicado na busca pela sobrevivência, acrescido da busca pela independência, da herança familiar, aprende-se a ser feirante, ofício para a maioria dos sujeitos que já somam mais de uma década. O trabalho na feira, porém, é circunstanciado por condições precárias, falta de políticas públicas que valorizem esses empreendedores, situação expandida no contexto da pandemia. Os feirantes, então, combinam suas habilidades, seus recursos, suas relações sociais e enfrentam as dificuldades por meio da criatividade, das alternativas de trabalho para complemento da renda, da obtenção de benefícios durante a pandemia, a única renda, em muitos dos casos, para conseguir sobreviver.

## **5 CONCLUSÃO**

O presente estudo teve como objetivo compreender as dificuldades enfrentadas pelos empreendedores por necessidade da Feira Livre da Cidade 2000 no contexto da Covid-19 e mapear as soluções aplicadas no processo decisório por esses sujeitos. Para operacionalizar a pesquisa realizou-se um estudo de caso construído a partir da utilização de entrevista semiestruturada e observação participativa.

O pesquisador observou a rotina da feira, realizou registros fotográficos e anotações em diário de campo que ajudaram na compreensão do tema. Com a realização de entrevista pode-se observar algo que foi além das expectativas iniciais do estudo, mas já indicado na literatura revisitada: o lado precário do empreendedor por necessidade na feira pública. Muitas máculas foram destacadas no presente estudo, destacou-se a falta de higiene, falta de banheiros químicos para trabalhadores e consumidores, falta, inclusive, de empenho por parte do poder público no cuidado dos trabalhadores que se mostram desassistidos e expostos no período mais delicado da pandemia. Mediante a análise de conteúdo, identificou-se três temas relacionados ao motivo para empreender, a relação do empreendedor com a feira e a pandemia.

A relação empreendedorismo por necessidade e empreendedorismo nas feiras foi explicado inicialmente pela descrição do perfil dos empreendedores, são homens e mulheres motivados pela busca do sustento circunstanciados pelo desemprego e decisões pessoais de abrir mão de um emprego formal e se lançar no ambiente das feiras, a maioria desses herdeiros do ofício, sustentados pela feira aprenderam no empreendedorismo por necessidade um meio de vida, apesar das limitações de renda e, em alguns casos, necessidade de atuação em atividades paralelas para complementar o ganho, como no caso do motorista da Uber.

O primeiro tema, motivo, tem uma forte ligação com a renda e sustento. As necessidades financeiras fazem com que o espírito empreendedor surja e assumindo riscos e buscando driblar o desemprego muitas pessoas acabam se tornando empreendedores. Inclusive, pessoas que trabalhavam com carteira assinada ou que já não se encontravam satisfeitas com seus antigos empregos decidiram buscar na feira e no empreendedorismo por necessidade uma forma de renda. Não se pode generalizar, houve também aqueles entrevistados que relataram que já trazem a feira como herança familiar, logo, conclui-se que o ambiente da feira é dinâmico e que as fontes motivadoras para a busca do empreendedorismo por necessidade não é apenas uma ou um grupo reduzido, e sim diversos.

O segundo tema foi a identificação das rotinas e suas mudanças frente a pandemia. Houve uma ruptura de rotina, uma vez que as pessoas trabalhavam no comércio de rua tiveram que ficar, por força de lei, em casa. Nesse momento algumas pessoas procurar outra fonte de renda, trabalhos formais, enquanto houveram entrevistados que afirmaram ter conseguido vender através dos meios digitais, vendas online. Houve relatos de feirantes que não se conformando com a ociosidade e por necessidade ainda insistiram em frequentar os espaços das feiras livres.

A pandemia trouxe diversas dificuldades para os empreendedores por necessidade, observa-se a elevação da taxa de desemprego, o comércio de rua foi fechado e quem dependia das feiras livres para sobreviver teve que se adaptar e muitos casos relatados a única fonte de renda foram os auxílios do Governo.

Todos os atos dos empreendedores por necessidade da feira da Cidade 2000 são decisões arriscadas, existindo uma necessidade a ser suprida e mesmo sem possuir um método científico ou conhecimento formal de estratégia, muitos mostraram que utilizam na prática, seja na alocação de recursos, prioridades, busca de recursos financeiros, mudança nos canais de vendas, o princípio do pássaro na mão, trabalhasse com o que é, o que tem, suas parcerias driblar as dificuldades e garantir a sobrevivência.

Acredita-se que esta pesquisa pode contribuir para o campo de Administração no enriquecimento do estudo sobre o empreendedorismo por necessidade. As limitações desse estudo consistem em no receio de alguns entrevistados em ser identificado, possivelmente por um medo de perseguição ou represálias por criticar o governo ou ao espaço da feira. Sugere-se o aprofundamento deste estudo a partir de uma abordagem comparativa.



---

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. Feirinha da Cidade 2000, tradicional às sextas-feiras, não funciona com o lockdown em Fortaleza. O Povo, Fortaleza, 05 junho. 2022. Notícias.

Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2021/03/05/fortaleza.html>. Acesso em: 23 de jun. 2022.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011

BRITO, Sávio Breno Pires; BRAGA, Isaque Oliveira; CUNHA, Carolina Coelho; AUGUSTA, Maria; PALÁCIO, Vasconcelos; TAKENAMI, Iukary. Pandemia da COVID-19: o maior desafio do século XXI. Revista Visa em Debate, São Paulo, v. 8, n. 2, 54-63, abril. 2020. Disponível em:

COSTA, Simone da Silva. Pandemia e desemprego no Brasil. Revista de Administração Pública, Natal, v. 54, n. 4, p. 969-978, jun. 2020.

COSTA, M. G. Mobilidade espacial e trabalhadores feirantes da região metropolitana de Fortaleza. In: Ananpege, XIII, 2019...anais, SP. Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2019/resources/anais/8/1562>Acesso em: 21 jun. 2022.

DIAS, LUCAS VICTOR ; LEVINO, NATALLYA . Análise de ações empreendedoras na Feira Livre de Messias/AL. CADERNOS DE GESTÃO E EMPREENDEDORISMO, v. 8, p. 18, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cge/ar>Acesso em: 12. Jun 2022.

DORNELAS, José Carlos A. Empreendedorismo: transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Campus, 2008.

GEM-Brasil 2018. Global Entrepreneurship Monitor: Empreendedorismo no Brasil. Relatório Executivo 2013. Curitiba: IBQP, 2018.

GEM-Brasil 2019. Global Entrepreneurship Monitor: Empreendedorismo no Brasil. Relatório Executivo 2013. Curitiba: IBQP, 2019.

GEM-Brasil 2021. Global Entrepreneurship Monitor: Empreendedorismo no Brasil. Relatório Executivo 2013. Curitiba: IBQP, 2021.

LIMA, Danilo Lopes Ferreira; DIAS, Aldo Angelim; RABELO, Renata Saboia; CRUZ, Igor Demes da; COSTA, Samuel Carvalho; NIGRI, Flávia Maria Noronha; NERI, Jiovanne Rabelo. COVID-19 no estado do Ceará, Brasil: comportamentos e crenças na chegada da pandemia como referencial. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 25, n. 5, p.1575-1586, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/BtsPz7tPKSDFhTRKMzFCYCRA>Acesso em: 08 maio 2022

HISRICH, R. D., PETERS, M. P., SHEPHERD, D.A. Empreendedorismo. Porto Alegre: Bookman, 2009.

MARTES, A. C. B. Weber e Schumpeter: A ação econômica do empreendedor. Revista de Economia Política (Online), v. 30, p. 254-270, 2010.

MENEZES, Vicente de Paulo Lima. As Feiras-Livres em Fortaleza - Retrato da Polissemia Urbana. 2005. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional em 2005) - Universidade Estadual do Ceará, 2005.

OLIVEIRA, Eveline Nogueira Pinheiro de; MOITA, Dimitre Sampaio; AQUINO, Cassio Adriano Braz de. O Empreendedor na Era do Trabalho Precário: relações entre empreendedorismo e precarização laboral. *Rev. psicol. polít.*, São Paulo, v. 16, n. 36, p. 207-226, ago. 2016. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid) Acesso em 12 jun. 2022.

OLIVEIRA, Wanderson Kleber de; DUARTE, Elisete; FRANÇA, Giovanny Vinícius Araújo de; GARCIA, Leila Posenato. Como o Brasil pode deter a COVID-19. *Epidemiol*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 2020.

PEREIRA, E. M. R. Riscos Relacionados ao Trabalho em Feira Livre: Uma Abordagem Sobre a Percepção de Feirantes, 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Medicina da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho, 2015.

ROSA, C.M; VASCONCELLOS, S. L; FALASTER, C. D.

As cores do empreendedorismo no Brasil: Efeitos da etnia na renda, sob uma perspectiva comportamental. *Revista de empreendedorismo e gestão de pequenas empresas*, V. 11, n. 2022, janeiro-abril Disponível em: <https://doi.org/10.14211/regepe.e1933> Acesso em: 21 de jun. 2022.

SANTOS, Paulo da Cruz Freire dos; MINUZZI, Josiane; GARCIA, Janaína Renata; LEZANA, Álvaro Guillermo Rojas Lezana. Empreender por oportunidade versus necessidade: Um estudo com empreendedores catarinenses. XXVII Encontro nacional de engenharia de produção, 2007. Disponível em [https://abepro.org.br/biblioteca/enegep2007\\_tr630470\\_9378.pdf](https://abepro.org.br/biblioteca/enegep2007_tr630470_9378.pdf) Acesso em:12 jun. 2022.

SARASVATHY, S. D. Causation and Effectuation: Toward a Theoretical Shift from Economic Inevitability to Entrepreneurial Contingency. *The Academy of Management Review*, v. 26, n. 2, 2001. <https://doi.org/10.2307/259121>

SEBRAE. Café com o presidente: Pesquisa GEM: Aumenta o número de negócios com mais de 3,5 anos no país. 2022. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2022/03/sebrae-empreendedorismo-24mar2022.pdf>Acesso em: 24 de mar de 2022.

SCHUMPETER, Joseph. “O Fenômeno Fundamental do Desenvolvimento Econômico”. In *A Teoria do Desenvolvimento Econômico*. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1985.

SILVA, Felipe Maia Balbueno da. Empreendedorismo no campo da economia criativa: um estudo sobre a feira de artesanato da Beira Mar. 2014. 109 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria, Fortaleza-CE, 2014. Disponível em <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/15085> Acesso em: 12 de junh. 2022.

VALE, Gláucia Maria Vasconcellos; CORRÊA, Victor Silva; REIS, Renato Francisco dos. Motivações para o Empreendedorismo: Necessidade Versus Oportunidade?. *Revista de Administração Contemporânea*, Rio Janeiro, v. 18, n.3, p.311-327, Maio/Jun. 2014. Disponível em:

VERGARA, Sylvia Constant. Métodos de pesquisa em administração. São Paulo: Atlas, 2005.

WERNECK, Guilherme Loureiro; CARVALHO, Marilia Sá. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. Caderno de saúde pública, Rio de Janeiro, v. 36, n. 5, p. 2020. Disponível em:

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.